

favorecidas, em locais onde a coleta de lixo não é tão efetiva, com garrafas pets e pneus abandonados nas ruas. A dengue se caracteriza por ser um dos tipos de doenças denominadas arboviroses (transmitida por artrópode). O vetor dela no Brasil é a fêmea do mosquito *Aedes aegypti*. Os vírus da dengue (DENV) estão classificados cientificamente na família Flaviviridae e no gênero *Flavivirus* e são conhecidos quatro sorotipos: DENV-1, DENV-2, DENV-3 e DENV-4. É caracterizada por ser uma doença febril aguda, apresentando sinais de dor abdominal intensa e contínua, vômitos persistentes, acúmulo de líquidos em cavidades corporais, hepatomegalia, sangramento da mucosa e aumento progressivo do hematócrito. O diagnóstico é feito com base nas manifestações clínicas do paciente ou realizando um teste de sorologia de fase aguda. É uma doença tratável e, se o tratamento não for efetivado durante a fase crítica, progride devido ao extravasamento grave de plasma, hemorragias severas ou comprometimento grave de órgãos, o que pode evoluir para óbito do indivíduo.

Objetivo: Descrever a série histórica dos casos de dengue no estado de São Paulo entre os anos de 2019 a maio de 2024.

Método: Levantamento de dados, pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) do DataSus, sobre os números de casos de dengue no estado de São Paulo, utilizando o descritor "ano de notificação", entre 2019 e maio de 2024.

Resultados: Os dados mostraram: 443.596 casos em 2019, 204.441 casos em 2020, 157.891 casos em 2021, 350.517 casos em 2022, 337.671 casos em 2023 e 1.162.450 casos em 2024.

Conclusão: Conclui-se que os casos notificados de dengue até maio de 2024 aumentaram em 344% em relação a 2023, configurando uma epidemia no estado de São Paulo. Desta forma, é fundamental a realização de ações como: reforçar a importância da vacinação do público-alvo já prevista pelo Ministério; ampliação da disponibilidade de vacinas para outras faixas etárias; e evitar os criadouros do mosquito, com águas paradas dentro das casa ou quintais da população.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104061>

EP-139 - PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS ACIDENTES ESCORPIÔNICOS NO ESTADO DE SÃO PAULO NO PERÍODO DE 2013 A 2022

Julia Guerrero Teixeira de Freitas,
Ananda Totti Rodrigues,
João Vitor Flores Coelho

Universidade de Taubaté (UNITAU), Taubaté, SP,
Brasil

Introdução: O escorpionismo é um problema de saúde pública devido à elevada incidência em várias regiões do país. Em 2023, o Estado de São Paulo registrou um recorde histórico de ataques de escorpiões, com 49.381 casos, segundo a Secretaria Estadual de Saúde. Diante desse aumento e devido à carência de estudos sobre o assunto, a análise do perfil epidemiológico dos acidentes no Estado de São Paulo é de fundamental relevância, uma vez que constitui uma ferramenta importante para auxiliar políticas de saúde e subsidiar a

adoção de medidas de prevenção eficazes, visando reduzir o número de acidentes.

Objetivo: O objetivo deste estudo foi investigar as características epidemiológicas dos acidentes escorpiônicos no Estado de São Paulo entre 2013 e 2022, com atenção para a vulnerabilidade das crianças e o impacto desses acidentes em termos de mortalidade nesse grupo etário. Além disso, buscamos comparar os dados entre as distintas Regiões de Saúde do estado para identificar padrões e direcionar intervenções preventivas específicas.

Método: O estudo analisou casos de acidentes por escorpiões em São Paulo de 2013 a 2022, usando dados do SINAN. Variáveis como sexo, idade, etnia, tempo de atendimento, gravidade e desfecho foram consideradas. A análise incluiu coeficientes de incidência, mortalidade e letalidade. Dados populacionais foram obtidos do IBGE. O estudo seguiu a Resolução n° 466/2012 do CNS e não precisou de aprovação ética.

Resultados: As taxas mais altas de acidentes escorpiônicos foram em 2022 (372,6/100.000 habitantes), 2020 (321) e 2021 (296,52), com médias de incidência e mortalidade de 130,576 e 0,051/100.000 habitantes, e letalidade de 0,036%. O sexo masculino foi mais afetado (54,96%). A faixa etária de 5 a 9 anos representou 4,27% dos casos, e a de 10 a 14 anos, 5,10%. Os óbitos foram mais comuns em crianças de 1 a 9 anos de idade, totalizando 71 mortes.

Conclusão: O estudo reflete o cenário nacional, com uma predominância de casos em adultos do sexo masculino. No entanto, é alarmante observar que as crianças, especialmente aquelas com 1 a 9 anos de idade, estão sujeitas a um maior risco de morte decorrente desses acidentes. Essa constatação ressalta a necessidade de estratégias direcionadas em reduzir o número de óbitos infantis. Como exemplo, inclusão de treinamentos quanto à clínica, capacitações dos profissionais de saúde e tratamento em tempo oportuno além de intensificar as ações de controle, visando à redução do número de escorpiões e a prevenção dos acidentes.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104062>

EP-140 – PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE INFECÇÕES POR VÍRUS RESPIRATÓRIOS NÃO-COVID-19 EM UMA INSTITUIÇÃO PRIVADA DURANTE OS ANOS DE 2022 E 2023

Leonardo Barbosa Rodrigues,
Valeria Egea B. Gomes, Fabiana Silva Vasques,
Jara Líbia C. Louredo, Priscila Costa P. Germano,
Thais Lopes Santos, Odeli Nicole E. Sejas,
Raquel Keiko L. Ito, Camila Silva Bicalho,
Edson Abdala

Hospital Dasa Nove de Julho, São Paulo, SP, Brasil

Introdução: Infecções por vírus respiratórios (VR) podem evoluir com complicações. Os vírus Influenza A e B causam epidemias no mundo, e resultam em até 500 mil óbitos/ano. É importante conhecer o comportamento dos VR e presença de síndrome respiratória aguda grave (SRAG), para estabelecer